

Editorial

ESTOURO
DA BOIADA

Nunca uma eleição presidencial foi marcada por tantos acontecimentos graves, pânico entre os políticos e indecisão do eleitorado como a que está se aproximando, sem dar tempo para que todos assimilem as rápidas transformações.

O panorama da sucessão estava se definindo em favor de Marina Silva, mas poderá sofrer nova reviravolta em virtude de graves denúncias veiculadas no fim de semana pela imprensa.

Três dezenas de políticos, parlamentares da base aliada, ministros e governadores, entre eles o falecido Eduardo Campos, depois de morto o alavancador da candidatura de Marina, foram citados como beneficiários de recursos desviados da Petrobras.

O autor da denúncia é o ex-diretor de Abastecimento e Refino da estatal Paulo Roberto Costa, encarcerado na Polícia Federal, que decidiu abrir o bico na expectativa de ter sua pena reduzida.

Desde o vazamento da lista com os nomes daqueles que teriam recebido propinas, o pânico é geral, em meio a uma espécie de estouro da boiada, com cada um tentando se explicar, mas como sempre para negar qualquer envolvimento. Como era previsível, a presidente Dilma Rousseff disse que oficialmente não sabia de nada, mas quer ver tudo apurado “direitinho”. Marina não defendeu diretamente seu falecido padrinho, mas pôs a culpa no governo federal pela atuação da “quadrilha”, e Aécio diz que o país está diante do “mensalão 2”, resultado do aparelhamento da estatal pelo PT.

Resta aguardar as providências legais que governo, candidatos e oposição pretendem adotar em relação ao enorme esquema de corrupção que aos poucos está se desnudando por inteiro.

O Congresso Nacional foi atingido em cheio, já que os presidentes do Senado e da Câmara, Renan Calheiros e Henrique Eduardo Alves, também foram citados pelo denunciante, que continua sendo ouvido pela polícia.

Diante disso, há uma certeza: o eleitor terá sérias dificuldades para fazer suas escolhas no próximo dia 5 de outubro, pois o tecido político está realmente todo necrosado.

SEMPRE EDITORA LTDA

FUNDADOR Vittorio Mediolì
PRESIDENTE Laura Mediolì
VICE-PRESIDENTE Luiz Alberto de Castro Tito
DIRETOR EXECUTIVO Heron Guimarães
DIRETOR FINANCEIRO Marcos de Oliveira e Souza

GERENTE COMERCIAL
Fabiano Guerra

GERENTE DE TECNOLOGIA
Fábio A. Santos

GERENTE INDUSTRIAL
Guilherme Reis

GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO
Walmir Prado

GERENTE DE MARKETING
Alessandra Soares

GERENTE DE CIRCULAÇÃO
Isabel Santos

EDITORA EXECUTIVA
Lúcia Castro

SECRETÁRIA DE REDAÇÃO
Michele Borges da Costa

ADJUNTO DA SECRETARIA DE REDAÇÃO
Murilo Rocha

CHEFE DE REPORTAGEM
Renata Nunes

EDITORES

Opinião: Victor de Almeida

Economia: Karlon Aredes

Política: Carla Kreeft

Magazine: Silvana Mascagna

Brasil/Mundo/Interessa: Aline Reskalla

Esportes: Denner Taylor

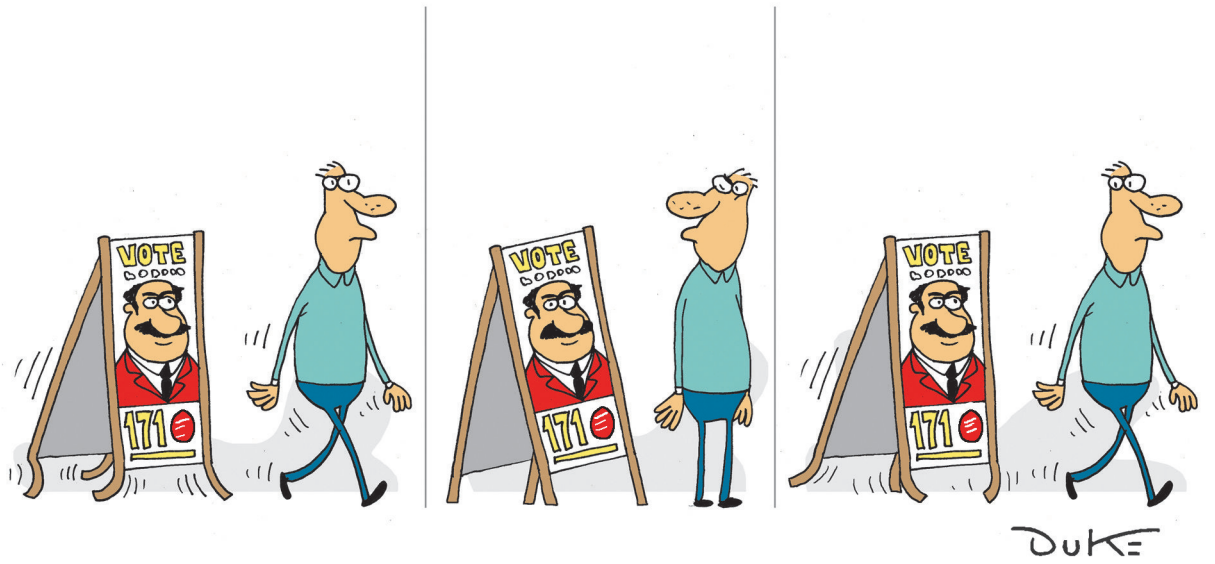
Cidades: Marina Schettini

Primeira: Frederico Duboc

Fotografia: Rejane Araújo

O.PINIÃO

Duke



www.dukechargista.com.br



FÁTIMA OLIVEIRA

Médica

fatimaoliveira@ig.com.br

A presença ostensiva do patriarcado
nas eleições presidenciais

O feminismo não é um balcão de negociação de votos

As discussões sobre as eleições presidenciais 2014 contam com três mulheres disputando a Presidência da República (Dilma Rousseff/PT, Luciana Genro/PSOL e Marina Silva/PSB), todavia deixam muito a desejar sobre as questões vivenciadas por mais da metade do eleitorado brasileiro (52%), as mulheres. Embora não haja uma mulher universal, as eleitoras não são de “biscuit”!

Incomoda porque revela um incômodo/dificuldade em destacar a esquina primordial na vida de cada presidencial: o ser mulher numa sociedade na qual a opressão de gênero é a regra. Avalio que estão equivocadas em não dar ênfase de onde observam e participam do mundo, pois o ser mulher e o ser homem não são apenas uma questão de genótipo nem de fenótipo, mas também um construto social!

Afirmo que “o feminismo não é um balcão de negociação de votos, a exemplo de algumas denominações e seitas religiosas cristãs!” (“As ideias feministas fazem toda a diferença nas eleições”, O TEMPO, 12.8.14) e hoje, após ter visto debates na TV e as propagandas eleitorais, declaro que o combate ao patriarcado via luta pelos direitos da mulher não sendo um balcão de negócios do voto feminino não interessa a presidenciais, sejam mulheres ou homens, pois remetem a uma herança patriarcal que urge ser extirpada: o direito das mulheres de decidir sobre seus corpos.

Compartilho trechos de quatro artigos sobre o tema. Gostaria de comentar cada um deles, mas pela exiguidade de espaço, transcreverei apenas algumas frases:

“Para quem não assistiu ao debate na Rede Bandeirantes, na terça-feira (26), saiba que Eduardo Jorge, que não atinge 1% das intenções de voto, de acordo com a última pesquisa do Ibope, levantou bandeiras consideradas polêmicas, como a ampliação do direito ao aborto, a legalização da venda de psicoativos considerados ilícitos e a ampliação de instrumentos de participação social” (“Porque Eduardo Jorge venceu o debate presidencial”, de Leonardo Sakamoto, Blog do Sakamoto, 27.8.14).

“Minha mãe, que tem 86 anos, anda

As três candidatas estão em dívida com as mulheres em luta, porque insistem em não dar visibilidade à sofrência delas sob o jugo do patriarcado

orgulhosa de ver três mulheres debatendo na televisão pelo posto de presidente da República. O valor simbólico desse novo protagonismo feminino é, ao mesmo tempo, imensurável e indiscutível”. (“Três mulheres não bastam?”, de Ivan Martins, “Época”, 3.9.14).

“Não houve bafafá porque Marina Silva, ao registrar sua candidatura no Tribunal Superior Eleitoral, tenha se dito da ‘cor/raça preta’... Cabe então a pergunta: para melhorar a vida dos negros e das mulheres, as origens têm importância decisiva? (“A preta e a presidenta”, de Mario Sergio Conti, “Folha de S.Paulo”, 5.9.14).

“Agenda feminina está fora do deba-

te em pleito inédito no país, com três candidatas à Presidência e número recorde de eleitoras... No debate da TV Bandeirantes, foi o médico sanitário Eduardo Jorge (PV) quem defendeu descriminalização do aborto, proposta encampada também pelo PSOL de Luciana Genro. Há tempo de desenterrá-los, pelo bem das mulheres do Brasil, que poderão não apenas ganhar, mas também decidir a eleição” (“Incoerência de gênero”, de Flávia Oliveira, “O Globo”, 7.9.14).

Concluo que as três candidatas estão em dívida com as mulheres em luta, porque insistem em não dar visibilidade à sofrência delas sob o jugo do patriarcado. E o difícil e doloroso de escrever sobre o tema é que as três são originárias da esquerda (sim, ainda há direita e esquerda!), historicamente o campo político que se comprometeu e tem compromissos, grosso modo, com o que chamamos “direitos da mulher”.

DUKE

